



= A IMAGINAÇÃO DO AMOR =

Llansol e Ibn 'Arabî



ESPAÇO LLANSOL

⋮

João Barrento

Ibn 'Arabî: o Amante para lá do amor¹

O «princípio de eternidade» do místico sufi Ibn 'Arabî (nascido em Murcia, na Andaluzia, em 1165, com uma breve passagem por Silves e uma constante peregrinação pelo mundo islâmico), é, no que desta figura interessou a Llansol, o de uma metafísica do Amor que encontrará a sua melhor expressão numa larga secção da parte final do diário *Finita*, datada de 1977, e que não deixa de ter afinidades com a concepção do «amor sem objecto e sem posse» que encontramos na primeira das *Elegias de Duíno*, nas *Lettres Françaises à Merline* e no final do *Malte Laurids Brigge* de Rilke (que é, por acaso ou não, também uma das leituras de Llansol, evocadas em *Finita*, nos finais de 1976).

No espectro do misticismo árabe da vertente sufi, que Llansol reconhece como uma das mais poderosas «sobreimpressões» na sua Obra², duas figuras maiores lhe interessaram, Ibn 'Arabî e Al-Halladj, mas o primeiro haveria de deixar marcas mais evidentes na sua Obra. Entende-se porquê: enquanto que a heterodoxia de Al-Halladj e o ponto de vista dialéctico do seu «perspectivismo místico» a levam, ocasionalmente, a lamentar que este místico não se tenha encontrado com Pessoa, sendo ambos mestres do oxímoro e do paradoxo (vd. *Um Falcão no Punho*, 98), a relação com Ibn 'Arabî parece ter sido mais profunda e decisiva. E também isto se entende, se pensarmos que, contrariamente ao perspectivismo relativista e céptico de Al Halladj, que propõe uma indistinção de princípio entre fé e descrença³, minando assim, não só as bases da religião oficial, mas também qualquer sistema de moral, 'Arabî é o grande representante de um monismo existencialista que parece ter influenciado ainda Spinoza (o filósofo de referência para Llansol a partir dos anos oitenta) e a sua filosofia da unidade plural da existência, e de todas as

¹ Adaptado de: J. Barrento, «As três noites: Llansol e o misticismo ibérico», in: *Europa em Sobreimpressão. Llansol e as dobras da História*. Lisboa, Assírio & Alvim/Espaço Llansol, 2011.

² Veja-se, por exemplo, o que escreve em *Lisboaleipzig*: «Tudo se revelou no instante em que eu andava à procura do lugar, da geografia dessa linhagem, / e deparei com o denominador estético, o entresser entre o sensível e o racional, a imaginação criadora da mística árabe, que é, talvez, de todas as manifestações de *sobreimpressão*, a mais portentosa» (p. 139).

³ Cf. Annemarie Schimmel, *Gärten der Erkenntnis. Texte aus der islamischen Mystik* [Jardins do Conhecimento. Textos do misticismo islâmico]. Düsseldorf/Colónia, Diederichs, 1982, pp. 46-48.

coisas como modos diversos da substância única e absoluta, Deus. Como podemos hoje constatar através dos registos diarísticos recolhidos nos *Livro de Horas II* e III, Llansol ocupa-se, a partir de 1977, do misticismo sufi de Ibn 'Arabî através do influente livro de Henri Corbin *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn 'Arabî*, e recolhe dele, e da leitura directa do místico de Murcia, em primeiro lugar a doutrina do *mundus imaginalis* e da imaginação criadora (*Livro de Horas II*, 40; e também *Finita*, 213: «este tempo é o tempo de Ibn 'Arabî»), e depois uma visão ampla, múltipla e essencialista do *Amor*, que associa à sua própria ideia do *mútuo*.

A presença de Ibn 'Arabî na escrita e no universo de Maria Gabriela Llansol desdobra-se, assim, em três momentos que se poderiam sintetizar do seguinte modo:

1) A importância da função da «imaginação criadora», num sentido muito distante daquele que lhe atribui a estética clássica (a *Einbildungskraft* de Kant), na medida em que se trata aqui de uma forma de imaginação que «faz conhecer» (e esta forma não conceptual, mas sensível, do conhecimento, interessará sempre mais a Llansol). Da sua leitura (e provavelmente releitura) do livro de Corbin, Llansol extrai e transcreve, em 10 de Setembro de 1978, uma definição essencial dessa ideia de imaginação como suporte da percepção sensível:

Não se tratará de fantasia, profana ou não, nem do órgão que segrega um imaginário identificado com o irreal, nem mesmo exactamente daquilo que consideramos ser um órgão da criação estética. Tratar-se-á de uma função absolutamente fundamental, submetida à ordem de um universo que lhe é próprio, dotado de uma existência perfeitamente «objectiva», em que o imaginário é o verdadeiro e único órgão da percepção. (Livro de Horas II, 238)

2) Em *Finita*, é entre Rilke e Ibn 'Arabî (entre finais de 1976 e Maio de 1977) que se pode reconstituir o segundo, e mais importante, núcleo de significação derivado da leitura do místico sufi e do poeta alemão (melhor, de mais um encontro, neste caso não tanto «de confrontação», mas de continuidade e contiguidade na casa de Jodoigne): o da problemática do *Amante*. Augusto Joaquim destacará, no posfácio à segunda edição deste segundo diário de Llansol, precisamente este aspecto como sendo «o tema central do diário *Finita*», e o encontro como *primum mobile* das grandes e verdadeiras mutações («o homem só no encontro com o amante poderá advir»:

⋮

pp. 238-239). Mas, de que se trata realmente quando aqui, a partir de Rilke ou de Ibn 'Arabî, se fala do Amante? Llansol parte da leitura da correspondência de Rilke (registo de 8 de Dezembro de 1976) e, dias mais tarde, certamente também da poesia, e esse ponto de partida é já muito significativamente llansoliano (na «encenação» e na decantação dessa leitura, naquilo que resta do que se lê): «Ponho Rilke no meu colo para o poder ouvir. / Sabereis vós o que é um sussurro de amante...?», pergunta a que se seguem várias outras, até à última, a decisiva e paradoxal, também em Rilke, na Primeira Elegia: «Sabereis que o amante tem um destino contrário ao dos desígnios do amor?» (p. 153). O parágrafo seguinte confirma que é por via de Rilke que surge esta configuração particular do amante e do amor («não estou hoje preparada para o Amante de que me fala Rilke»), cujos «destinos» são contrários porque no Amante, e no Amor como também nos é dado em Ibn 'Arabî, não pode haver «desígnio». O desígnio é o próprio da «trama da existência», mas o Amor (uma «religião» em 'Arabî, um estado de plenitude activa em Rilke) só medra no terreno do «mútuo» que – escreve ainda Augusto Joaquim – «não é um acidente, nem repetível arbitrário, mas o autêntico motor da mudança das narrativas e da metamorfose dos corações» (p. 240). Nesse terreno, «o amor espera-vos a sós» (p. 134). Rilke desenvolvera já em termos semelhantes esta dialéctica do Amor entre dois pólos, de recusa e afirmação, de limitação e plenitude: o do amor objectivado (com «desígnios»), reduzido à perspectiva do «outro que / tapa a vista» (Oitava Elegia), experiência de fechamento, apesar de paradoxalmente orientada para fora; e o do amor (agora poderíamos dizer, com maior pertinência: do Amar-do-Amante) como experiência próxima do absoluto e dos estados de in-diferenciação, sem «perspectivismo», dos mundos do Aberto. Uma metafísica do amor, não platónica, mas também de raiz mística, em que o amor não se reflecte no seu objecto, mas se activa num processo que se esgota, e plenamente se realiza, num movimento estático e extático, na sua actividade (*energeia*, vibração) própria e na esfera da total imanência da pura interioridade (que em Rilke dá pelo nome de *Weltinnenraum*, espaço interior do mundo). Por isso se pode dizer que em Rilke, como em Llansol (e também na heterodoxia dos místicos sufi), Deus está também morto enquanto transcendência formalizada, já que nesses universos – como Rilke escreve numa das cartas a Merline – «não há crença, só Amor», uma «tendência do coração», um devir para o Aberto – ou para o mútuo. É o movimento da nostalgia que, na Primeira Elegia de Rilke, vai do impulso para «cantar os Amantes» (no sentido que estamos a dar ao termo) à pregnant image da seta que se liberta da corda para o voo, mas vibrando da sua

tensão. A analogia, no plano do amor, é dada pelos versos que exprimem a libertação do *objecto* do amor na *experiência* do Amor (*daß wir liebend / uns vom Geliebten befreien*: «para que, amando, / nos libertemos do amado»).

3) Quando, no «tempo de Ibn 'Arabî» (*Finita*, 213), Maria Gabriela Llansol «recebe» o místico andaluz abrindo-lhe a porta de sua casa como «mundo aberto» (p. 191), o encontro dá-se desde logo sob o signo do Amante e, neste caso particular, da «magnificação do feminino» na poesia místico-erótica de 'Arabî. Mas neste contexto, e em diálogo com Augusto Joaquim, Llansol acrescentará a esse filão erótico (mais superficial, mas dado no diário pela figura de Nezâm, nome e corpo esplendoroso de «Ana de Peñalosa enquanto jovem», em páginas que se contam entre as melhores da escrita erótica de Llansol: pp. 193-197), a dupla dimensão, mais afectiva e mais profunda, do *mútuo* e do *Há* (recupero, para esta última dimensão, uma anotação muito mais tardia do terceiro diário, *Inquérito às Quatro Confidências*, de 13 de Junho de 1995, «dia em que Ibn 'Arabî — para me lançar no *há vivo* — veio de Damasco onde repousa há setecentos e cinquenta anos contar-me a história da palmeira de Sevilha»: p. 93). Como já atrás sugeri, é no *mútuo* que verdadeiramente esta concepção do amor sem *objecto* se realiza. Aqui, em *Finita*, essa realização inicia-se no diálogo entre Nezâm e Ibn 'Arabî (pp. 198-200), depois do fogo da *experiência* erótica (no final da qual já se anuncia que o Amor-no-*mútuo* não existe em mim, nem fora de mim, mas nesse lugar-outro, e neutro, e impessoal, onde «o prazer daquela mulher também se chama Sabedoria»: p. 197), e nele se delinea já o perfil dessa categoria tão decisiva para entender o *projecto* humano de Llansol: a conjugação do efémero e do intenso, de que nasce o *júbilo* (p. 199); o *mútuo* como o espaço em que o Amante deixa de ser alguém (uma pessoa), mas terá de ser um *Alguém* (um princípio activo, um sexo de ser sem ter: «O Augusto diz-me que o Amante jamais alguém o *terá*»). E quando, no mesmo registo, de 1 de Maio de 1977, lemos que «o intento do seu movimento é levar o amado a dispensar a forma do amor e da beleza», estamos já noutra plano, o último, o do «*há vivo*»: porque o *Há* é precisamente esse espaço de «presença penetrante» e de liberdade absoluta que pode «dispensar a forma» e todas as suas contingências (p. 207).



⋮

De: *Finita. Diário 2*

Jodoigne, 23 de Dezembro de 1976.

Ontem ficámos até tarde, conversando. Sem racionalizar, mas compondo o pensamento, como quem borda em fio recordações de factos objectivos e de acontecimentos pessoais.

Ao Augusto, o meu texto e o meu sonho lembravam a visão de Mestre Eckhart da criança que vinha libertar Deus da sua solidão infeliz. «É por causa dessa visão e de algumas outras mais, como a de Ibn 'Arabî, que sei que *Isso* que dá pelo nome de homem ainda não é mas, certamente, será.»

(p. 143)

Jodoigne, 20 de Abril de 1977 / quarta.

Sob o líquido colorido da manhã, tenho necessidade de tomar nota do que li sobre Orfeu: *mais parece que dans la nature ambiguë se résume le désir d'une époque où la division des sexes n'était pas devenue le fondement de la vie sociale* _____

_____ *mais toutes choses mêlées éternellement et sans limites*

desceu um véu diante de meus olhos, de tal modo que não era dia nem era noite, era uma longa praia brumosa «com todas as coisas misturadas eternamente, e sem limites»; era um estado permanente de luz moderada, onde as folhas das árvores mergulhavam num estado ambíguo entre o papel de escrever e o papel da natureza semelhante ao de Orfeu.

Tive a impressão que era um outro, e que vivia mergulhada noutra época, nem que fosse o ambiente simples de uma casa e de um jardim; a meu lado estava o que eu precisava — a imagem difusa de uma mulher que também tinha vivido noutra época. A diferença era que eu estava



dentro de casa, apoiada a um pequeno eixo cilíndrico revestido de seda em que rodava este texto — e ela no jardim. O homem é corpo/espírito, e universal, através das projecções mentais de si mesmo?

Passou-se então a cena do pé, em que eu tendo o desejo e a inteligência abertos sobre o cilindro, e acabando de chegar à sala dos despidos, senti uma dor no horizonte, sem poder precisar que se tratava de uma dor ao lado da narrativa visionária.

Ao ver o encontro do só com o só, não sabia em que lugar pôr-me; queria, durante toda esta tarde, experimentar o prazer, a dilatação de ver, mas nada se anunciava. Dispus-me, pois, a contar em breves palavras essa experiência do vazio, vendo o sol ao fundo, e tendo comigo, sobre os joelhos e na mesa ao lado, o livro de Ibn 'Arabi.

A terra em vida.

Herdar a terra.

O rosmaninho e a sálvia.

Sentia-me atraída pelo medo na sua selva de espaço, lê-lo levava-me a perder-me, e a esperar. A sálvia, o rosmaninho, este livro, são meus companheiros. De um a outro, há um declive matinal que conduz aqui. A última imagem que tenho da imaginação criadora é a de sexos direitos como vozes:

quand j'ai commencé à comprendre que j'étais pauvre, et dans cet état, dans l'avenir, je devrais rester, j'ai aussi commencé à regarder avec limpidité les objets que je possédais et qui étaient des définitifs à maintenir, ou à quitter.

Les objets périssables (les robes, les vêtements, le linge de maison) en devenant de plus en plus usés m'accordaient le sentiment de les porter liés à une sorte de bondissement, ou trépas, vers un stade éternel _____ cela présuppose cette aptitude à vivre des événements qui s'accomplissaient dans une réalité autre que la banal réalité physique — des événements qui se transmutent spontanément en symboles. _____ ce fut «l'Ange» qui le guida sur la voie spirituelle.

Casa de Jodoigne, 23 de Abril de 1977.

Depois de levantar-me, de lavar-me na casa de banho ao fundo do corredor, dou finalmente posse à minha verdadeira figura, e as

⋮

composições de imagens e ideias que se tinham formado durante a noite refazem-se naquele instante:

estou em baixo, na cozinha ampla e branca, a preparar uma refeição, voltada para a mesa redonda, e de costas para o armário mural. A cozinha mergulha numa luz que vem do fulgor. A janela, que tem por cortinado uma colcha das ilhas é, atraentemente, uma fonte. Pressinto alguém atrás de mim, um homem novo, alourado, quase imberbe.

— Estás só?

— O Augusto está na grande sala, a fazer colagens.

Acordo numa manhã de sede: quero escrever, tomar banho num lago, tricotar o acrescentamento da minha saia usada azul, sair, limpar a casa, libertá-la de máculas, tomar o autocarro para Lovaina, ir ao supermercado, saber o que será o almoço.

Quando eu era criada de servir, observava os gestos da minha senhora sem saber se ela já me tinha servido, ou se deveria ainda ocupar o meu lugar. Nessa altura chamava-me *Cândida*, forma que tomam os seres que devem inclinar-se ao movimento, e evoluir. Mas em breve, dando outro passo, tive a consciência de que, noutra mónada, Ana de Peñalosa existia. Lembro-me perfeitamente de como se desenvolvia com facilidade o seu afecto pelas criadas, e elas lhe correspondiam. Subiam juntas os degraus da experiência. Ana de Peñalosa, aparecendo do corredor que faz um corte longitudinal no primeiro andar, tanto podia entrar na sala de meditação — e ser a Senhora —, como dirigir-se para a cozinha, onde eu já estava, e ser a serva.

Estava dividida por uma linha de separação das águas — e dessa margem era analfabeta —, e do outro lado dessa sombra era a perfeita imagem de Ana de Peñalosa.

— Podeis utilizar esta casa — disse a Ibn 'Arabî — como mundo aberto.

Eu sentia-a em vias de dirigir-se para os seus fins, ou de retroceder às suas origens.

— Estás só? — perguntou o homem. Que dizer com a voz?

Respondi-lhe que não estava só, mas que lhe entregava a chave de uma das portas, e o tempo de ouvir de que dispunha para o dia seguinte.

Jodoigne, 25 de Abril de 1977, de manhã.

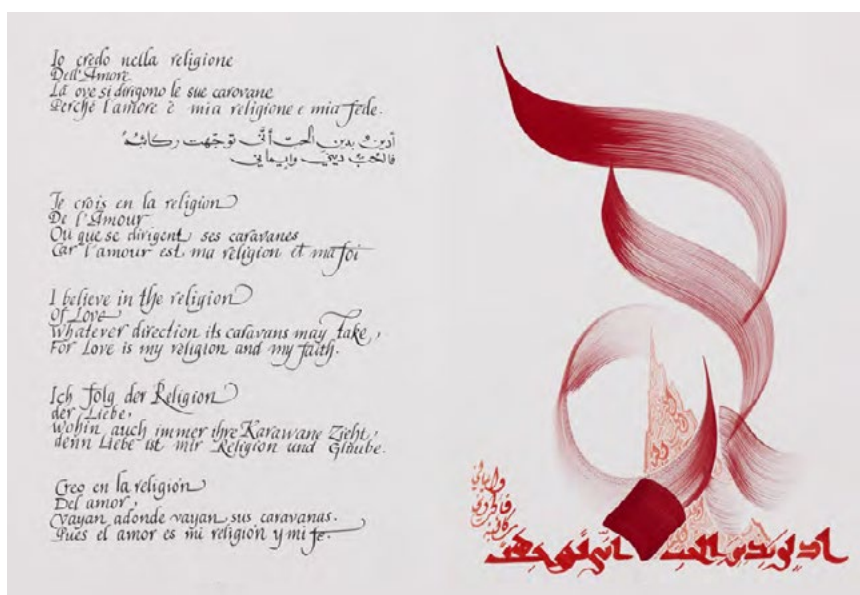
Recosto-me em Ibn 'Arabî, absorta na sua magnificação do feminino.
Vejo que entra no quarto,
tão fracamente iluminado pela luz do dia, que se sensibiliza de penumbra
e
de cores prestes a morrer.

No meio da cama, Ela dormia. Estava quente o quarto e cobrira-se
unicamente de um tecido branco que lhe resguarda o ventre.

Silenciosamente, depois de ter hesitado em ficar, Ibn 'Arabî pega
numa cadeira e senta-se perto da cama, olhando-a. É um jovem, ainda
sem barba. Imagem _____ Ela mostrando o seu dorso à penumbra
_____ que tomava progressiva intensidade no seu olhar.

Não é uma visão, nem o seu porte é sôfrego.

Concentração ágil na claridade incipiente que, de momento a
momento, se constitui em torno do corpo branco quase nu e feminino, ali
dormente. Com lenta precaução _____ de modo algum desejando
acordar a paisagem soberana _____ começa a afastar a ponta do tecido
que a cobre, no intuito de perfazer a nudez.



Caligrafia de Hassan Massoudy

⋮

E leio-lhe ruínas
 passagens nómadas de magos
 em jardins, prados e casas.

E ele diz
para a nudez flores, nuvens,
 trovões e zéfiros,
 colinas, bosques, caminhos campestres.

E eu sugiro
que lhe diga mulheres que se erguem como sóis.
 Walah.

Viera para ler com Nezâm, nome de Ana Peñalosa enquanto jovem, «Deus é um ser belo, que ama a beleza» _____ mas nunca até ali atentara nela, na sua nudez. Olhava-a agora, na força majestosa e gustativa do seu corpo repousando na formosura do seu aspecto. Deixado a si mesmo, o seu nu era corpo criando uma origem própria de luz, difundindo-se nos tons penúmblicos do quarto e no seu olhar. Olha e recebe a alegria de uma imagem no entorpecimento nostálgico, onde sempre se fixa o esplendor da beleza que se expande para a sua fonte de irradiação.

Nezâm nada lhe dá,
nada lhe esconde.
Está crescendo para si.

Nesse movimento, se volta em lentas distensões do corpo que procura lugares propícios e de brisa. Formam-se ombros sólidos, recosta-se uma face serena, mãos hábeis acompanham os seios, entreabrem-se ligeiramente as pernas, num ritmo rectilíneo de respiração caminha para a claridade crescente.

Ibn 'Arabî pousa o livro que trouxera. Vejo que se aproxima da cama e se senta no chão, à altura do ventre de Nezâm. E face à vagina entreapercebida, oiço que murmura _____ é uma mulher real, és tu, Nezâm? Será Ele que vejo na tua imagem?

E iniciou-se ali o momento para que não viera.

Sempre repousando, Nezâm desceu a sua mão esquerda até ao ventre _____ recolher aí a maior claridade, e aumentá-la para onde Ibn 'Arabî não sabe, mas naquele corpo não se encontra.

Ligeiras contorsões dos rins, num ritmo seguro e levemente acelerado. Pernas que se afastam e se arqueiam, permitindo uma adaptação mais exacta da mão e desses lábios de um vermelho escuro, que é a cor anunciadora do mistério «nunca vi uma mulher com tão belo aspecto». Dedos que se distanciam da mão e tentam incursões rápidas nos cabelos do púbis, no clítoris tumescente e na vagina. E uma nova forma se manifestou, de luminosidade crescente, de gozo soberano na sua face, de uma dança entregue aos seus próprios fins que envolvem Ibn 'Arabî e lhe arrastam definitivamente o olhar e a vontade:

Nezâm cria para si.

Tomado pela imagem viva do fogo que renasce, avançou a mão direita para a sarça ardente, como se fosse _____ e era _____ imperioso queimar-se «que eu seja enfeitado pela tua beleza e atraído pelo teu mais profundo fogo _____ que a incandescência desse puro amor me penetre e me transmute em cristal sem mescla» _____ mão pedindo que Nezâm acolhe na transparência do seu conceito e a leva mais longe, até ao fundo do seu fogo _____ fá-la acompanhar o ritmo que progride no seu fulgor, e lhe ensina o prazer daquela mulher que também se chama Sabedoria. Nem que quisesse, Ibn 'Arabî não poderia jamais libertar a mão que dera. Será consumida até ao fim.

Afastei o olhar para que não se desvanecesse a minha atenção e o pudesse continuar a ouvir como nunca houvera mais ninguém: «Como tu, ó Deus, és bela, gloriosa e adormecida. Não te procurarei em mim, nem fora de mim. Não renunciarei a procurar-te, porque seria infeliz. Deixo contigo a minha mão direita.»



⋮

Jodoigne, 26 de Abril de 1977.

Vou ao encontro de Ibn 'Arabî, sentado no jardim, perto das cerejeiras. Segura o seu livro com a mão esquerda, a mão direita escondida na sua djelaba branca. Não vê que passo e vou colocar-me ligeiramente atrás dele. Só ao fim de um longo silêncio, Prunus Triloba me faz sinal de que alguém estava junto de Ibn 'Arabî. Olhei na direcção indicada e vi Nezâm sentada a seus pés. Vestida de verde, confundida com a vegetação.

Falavam docemente um com o outro.

- Nezâm diz o Efémere não se colhe
- Ibn 'Arabî diz olha-se quando o evanescente dá sinal de si
Ainda o prazer ecoa, e já o olhar perplexo
se pergunta por que falha se esvai a Imagem.
- Nezâm diz se pergunta se nesse lugar os efémeros
permanecem, se serão constantes, em si
- Ibn 'Arabî lembra onde dormias, a tua imagem evanescente abriu-me
a porta do *sacrum convivium*. Foi efémera a
conjunção do Sol e da Lua, mas tão intensa que o
Princípio e o Fim, sempre separados, rejubilaram.
- Nezâm diz na tua escondida mão direita
- Ibn 'Arabî continua que eu lancei à fornalha, no paroxismo do fogo
e que rompeu as cinco sensações da sua habitual
rotina e, nos limites abandonados, viu ela o que o
Amor vê quando se olha.
- Nezâm diz essa mão foi onde permanecem palpitantes os
efémeros quando se desvanecem, onde o resto do
teu corpo não sabe
guarda-a como guia e sinal.

- Ibn 'Arabî medita deste-me o que não pensavas dar-me. Todo o teu corpo conhece agora o que a minha mão sabe e que tu integralmente ignoras. Para saber, dormias.
- Nezâm responde entraste como um ladrão e como um ladrão saíste, debruado de poeta e o teu desejo te deseja para sempre arrastar para a companhia dos efémeros constantes. Não a eternidade, a que o resto do teu corpo não se adequa.
- Ibn 'Arabî pede uma espécie de mortal duradouro, metal dúctil conforme à minha forma de passar sempre.

وناد
القباب الحمد
من جانب الحمى
تحياتكم
مشتاق اليكم
متسليم

Adresse aux **tentes pourpres**,
Aux abords de l'enceinte sacrée,
La salutation de l'amant
Qui soupire vers vous, esclave du désir.

⋮

Jodoigne, 30 de Abril de 1977 / sábado.

uma série de sonhos

há dois anos tive um sonho em que a mim, e a Soeur Agnès⁴, era deixada uma meia-hora de vida.

No dia 27 tenho este sonho: em Portugal, e em lado nenhum por não haver sinalização de caminhos, encontro um lugar fresco, de ampla paisagem. Estou numa casa descontínua e nela convivem, em paz, múltiplas gerações; eu e o Augusto, minha mãe, minha avó mãe de minha mãe, estamos sentados a uma mesa redonda que nos reúne por meio das maravilhas que tem ao centro. O Augusto e eu acocoramo-nos no chão. Somos duas plantas companheiras, e as nossas costas curvadas concentram o poder de abrigar que nos absorve; dir-se-ia que somos pais e filhos ou, mais explicitamente:

da maneira como incidirmos resulta a cor destes corpos.

Uma das peças da mesa é um relógio redondo, um despertador que acorda pela violência. Minha avó mantém-se sentada de lado, a composição do seu rosto foi modificada por uma parte de imobilidade, e apagou-se. Ela é, ao mesmo tempo, antepassado e feiticeira. O relógio marca vinte e oito horas, quatro horas fora do dia.

Hoje, sonho de novo. Há uma luz negra e um magma cor-de-rosa que se interpenetram, que trocam entre si o que fica descoberto.

No negro, nenhuma tristeza, nem catástrofe. Nada concluo que escreva. Formou-se um movimento tão poderoso e, ao mesmo tempo, tão suave,
que fico, enquanto me lavo e visto,
a analisar o semblante da pergunta não formulada.

Há dias, em *A Restante Vida*, dei criação à figura do rei Negro (que C. temia, e que era uma figura dos seus pesadelos, disse-me o Augusto).

O rei Negro experimenta a viabilidade das suas sentenças no corpo

⁴ Da abadia beneditina de Maredret, perto de Namur.

de Hadewijch. Há as sentenças minúsculas, e as sentenças distantes; há o cabelo de um louro deslavado, e as cabeleiras duras; há as flores que, esfregando-se na pele, a deixam completamente branca. Nesta intensa dualidade, Hadewijch tomou conhecimento com Ibn 'Arabî.

Era uma figura consoladora encostada às pessoas de pé, às estátuas da fonte; não sendo igual a nenhuma, parecia estar inserido no conjunto melódico da água; seus olhos inspiravam-se no azul, sem ser azuis, e seus pés, que Hadewijch, mergulhada na bacia da fonte, tinha por esteio, estavam próximos de quem fala. Pobre, toda a sua atitude contemplativa cobria Hadewijch de um véu espesso. Ela começou a caminhar pelo meio do nevoeiro que ele lhe abria _____ tendo numa face o rei Negro, e noutra o desejo de Ibn 'Arabî.

Passámos a uma outra fase do nosso amor; o pomar não conhece senão o seu verde; aí, Ibn 'Arabî ensina todos os dias; não sei onde dorme, nem onde come, mesmo sem ninguém presente, *ensina*; dá longos passeios à volta das árvores, longos de sequência, e de tempo não clama pelo silêncio, onde quer que vá, o silêncio existe; eu encontro-o, e fico surpreendida; chama-se Hadewijch e Ana de Peñalosa, chama-se Hadewijch ou Ana de Peñalosa, já me chamaram João, Rilke, ou Müntzer.

Só Ibn 'Arabî não me dá nenhum nome; quando me vê no pomar, pressinto que me toma pelo verde; sou mais um verde que, com o decorrer da luz, se modifica; não dirigimos os olhos um ao outro e, no terreno plano no alto do monte, baixamo-nos sobre a água do poço, passamos através. Um espaço de azul nos braços e o odor estelar das horas.

O céu tornou-se cinzento e opaco; a chuva ainda não principiou a cair mas já está presente em toda a parte; no meio do pomar, Ibn 'Arabî não tem onde abrigar-se, ou talvez não se molhe, nem sobre ele chegue a escorrer este desenho do dia. Veio da Andaluzia para Silves, em Portugal, como para qualquer outro lugar de aprendizagem.

⋮

Enquanto eu escrevia o texto anterior, durante estes últimos dias, eu lia:

«mais en présence d'une telle complexité, quand une figure révèle tant d'attaches et passe par tant de métamorphoses il faut déceler les intentions implicites de la conscience, dégager ce qu'elle se montre d'elle même à soi-même».

Todos os meus sentidos despertavam com uma frescura tão íntima, que a idade madura era um estado adolescente. *«Ce manteau est en effet pour nous un symbole de compagnonnage, le signe que l'on partage la même géographie spirituelle.»*

Jodoigne, 1 de Maio de 1977.

Uma toalha,
um véu
são as palavras do dia. Como acordam os sentidos? Os meus, por meias palavras.

No centro do pátio persistia uma mancha de trevo, e a cerejeira inclinava-se, voltada para o vento; ao entardecer, o presente invadiu o pátio numa grande clareira de luz. *«... que la Forme sous laquelle chacun des spirituels connaît Dieu est aussi la forme sous laquelle Dieu le connaît».*

Converso com o Augusto sobre o Amante e parece-nos que o Amante não pode ser uma pessoa, ou seja, máscara que a si mesma se assume como agente vivo ou personagem de um destino próprio. O Amante não pode ser alguém. Se o fosse, procurá-lo colocaria quem o procura na dependência das relações simbólicas que regulam o jogo do amor e do amado.

O Augusto diz-me que o Amante jamais alguém o terá. E eu concordo que o seu acontecimento é imprevisível, assim como a sua evanescência de que me fala Ibn 'Arabî. Não porque queira que se corra atrás dele sem fim, como se lê no *Cântico dos Cânticos*, mas porque muda



de forma.

Não sendo, contudo, uma forma.

O intento do seu movimento é levar o amado a dispensar a forma do amor e da beleza. Palavras cruéis que só a vontade pode ouvir, como vigia do extremo limite, quando até o próprio Nome é enigma. Quando aí se alcança, costuma o amado procurar a Face que, seguindo o seu gosto, melhor se aproxima da Face ideal por que aspira. Mas, mesmo essa, será sempre e só uma Face, cuja majestade e força serão fatalmente inferiores ao impulso que levou o Amado a procurá-la.

Amar é deceptivo.

Vê-se assim que o Nome Enigmático tem um movimento específico: expulsar a Face, na progressiva audição do enigma. Ouvir o Nome, sem o ligar a uma Face, a um sexo, a uma forma particular. Aceitá-lo como simples som, timbre e cadência que dispensa, na sua progressiva enunciação, a forma vocálica e musical.

Mas o que é então o Amante?, pergunto. O teu sexo caminhante para além da repulsa.

Jodoigne, 2 de Maio de 1977.

Sentei-me sobre um pontão, à beira de uma estrada. Peguei no livro e pus-me a lê-lo, à medida que me ia invadindo o insólito da minha situação _____ encontrar-me em terra estranha, longe de minha casa, sentada à beira de uma estrada cuja direcção desconheço, às 11h30 de uma manhã irradiante de sol.

Encontrava-me só.

E só então o marulhar da água ali correndo se fez ouvir como movimento distinto. Criou-se uma progressiva tensão entre mim e a água e soube que me encontrava com o Amante. Marulhar também eu era, mas não de água. Notei bem que se tratava de um infinito verbal e sonoro que não abolia, não animava, nem sublimava a forma aquática do movimento.

Forma nua em consonância intensa com outra forma nua,
dava realidade ao espaço do Amante. Para além do medo, eu aceitava que nas margens do meu mundo habitual, outros reais criados

⋮

viesses manifestar-se.

E tomo um carreiro que partia do pontão e acompanhava a corrente.

Agora eu era a não-água em movimento, consciente do meu marulhar.

Ando mais um pouco e noto que uma outra forma timidamente emerge, o pipilar dos pássaros nas copas das árvores. Rápidos e secos pios que, ainda desta vez, me indicam que pipilo no meu marulhar, sem ser pássaro, nem fluida.

O Amante emerge de novo, no espaço desta similitude e desta diferença, simultâneas. Pipilar e não ser pássaro, podendo qualquer pássaro dizer o mesmo do caminhante que sou: «Caminho e não sou caminhante». E assim penetro mais além no carreiro que me conduz a uma clareira, onde chego, sempre acompanhada por esta intuição da presença não sentimental do Amante.

Que era, pois, Ele, ali presente, me presenciando?

Não-água, como eu, mas marulhando como nós, eu e a água.

Não pássaro, mas pipilando.

Não caminhante, mas indo.

Não-pessoa, mas presença activa, manifestando-a por actos sucessivos e efémeros de tensão.

Sento-me num tronco nos limites da clareira, fechando os meus olhos fitos no seu centro, deixando que tudo corra, mesmo na sua imobilidade. E dou-me conta de que corre uma aragem pelas árvores da clareira, tal como um murmúrio, que me suscita a palavra *murmuragem*. A *murmuragem* das copas das árvores, como digo a *murmuragem* que sou. E dou assim por finda a sinestesia.

Poderia, na realidade, dizer que as árvores são pássaros, mas se o dissesse, a linguagem perderia o seu poder discriminante. Tratar-se-ia de uma poética amena, cujo efeito mais visível seria identificar os agentes diferentes da mesma manifestação. Para que tudo restasse, eliminaria o suceder, animaria as árvores que não voam, sublimaria a desenraizada que sou, sem poder voar, nem escoar-se. E o Amante perder-se-ia na linguagem.

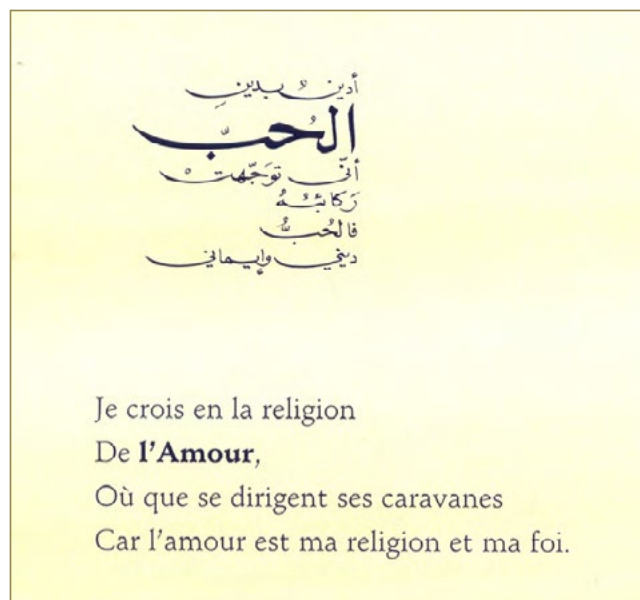
Não tomei este movimento por uma descoberta da natureza.

É uma simples paisagem, preciosa, porque lenta e silente. Tão só.

Uma tão grande manifestação de vida para uma minúscula parcela de consciência. E nesta desproporção se anicha o Amante, forma evanescente, que me atraiu a esta clareira, em terra estranha. Construindo e abandonando formas, até que se ame o que o gosto não prevê, e depois deixa de amar, no corpo do caminho, não por ex-altação, mas por in-altação. E assim volto.

Jodoigne, 4 de Maio de 1977.

Vinda de fazer as compras, cheguei em frente do portão. Para mim, este tempo é o tempo de Ibn 'Arabî. Ele tinha a certeza de que imaginar era aceder à auto-revelação, e que os seres se aproximavam do acto de criar, despindo-se na solidão. Que, ao acto inicial criador imaginando o mundo, respondia a criatura imaginando o seu mundo. Naquele momento, eu imaginei que, por detrás do portão, havia um medalhão redondo, e um cavalo próximo, e dentro do medalhão se projectava em miniatura, sem ser em proporções reduzidas, o circundante mundo exterior.
(pp. 187-213)



⋮



De: Um Beijo Dado Mais Tarde:

Se me dirigir para o meu amante, quero ser guiada pela resposta que deu Ibn 'Arabî a Averroes: “Entre sim e não”. (p. 80)



De: Lisboaleipzig 1

De: «Diálogo com Lull»

2.

[...]

Llull escreveu antes de Eckhart, de Ruysbroeck, e de alguns outros mais ainda. Não quero fazer pesar sobre ele consequências que não brotaram das suas intenções, mas apraz-me imaginar o que nos teria sucedido se, além dos textos de Avicena e de Averroes, textos de Al Hallaj e de Ibn 'Arabî tivessem sido igualmente transmitidos ao Ocidente.

O pensamento deles, sobretudo deste último, estava em vias de encontrar uma «solução», viável e positiva, harmónica e operativa, para o problema da dualidade dos mundos que, enquanto dualidade pensada e assumida, tem causado imensas e incalculáveis perdas ao ser humano mais comum. A ele, mas também a esta pedra, a este arbusto, a este bicho.

(pp. 106-107)

De: «O encontro inesperado do diverso»

V — Os meus textos, como já, por vezes, referi, são tecnicamente construídos sobre o que chamei *cenas fulgor* porque o que me aparece como real é feito de *cenas*, e porque surgem com um carácter irrecusável de evidência. O que tenho referido raramente é que essas *cenas fulgor* se

verificam sempre na proximidade do que chamo *ponto-voraz*, e que é simultaneamente a fonte de luz intensa que ilumina a *cena fulgor*, e o lugar onde ela se anula. Se, por inépcia, a cena é levada demasiado próximo desse ponto, com a intenção de a tornar mais brilhante e viva _____ a cena desaparece, e o olhar cega.

Há, assim, que ter o cuidado de desviar o olhar.

Para mim, o que é ser-humano está integralmente nesta proximidade tensa, perigosa, no gesto de desviar o olhar. Se a cena se anula, o que é *ser-humano* também se anula, e o sinal mais evidente é a perda do prazer e da alegria. Mas importa ficar perto, porque toda a presença se manifesta aí ou, de outro modo, aí uma presença começa a ser imagem; e à distância que vai do ponto-voraz à *cena fulgor* nós podemos chamar epifania.

Sempre identifiquei essa epifania nos termos em que dela fala Ibn 'Arabî: «Eu era um Tesouro escondido; ninguém me conhecia quando Eu tão ardentemente aspirava a ser reconhecido.

Foi nesse desejo que criei as criaturas.

Dei-me, então, a conhecer, de modo que elas pudessem reconhecer-me.»

O que aprendi, e aprendo com as *cenar fulgor*, é o risco de o ser-humano se anular nessa Presença – Tesouro – que chama o meu/nosso olhar.

Mas não só.

O ser-humano ou, se preferirem, o meu-ser-humano constitui-se (o tal castelo incansável na Noite) na proximidade de um ponto de não-humanidade. Mais, se o humano olha para esse ponto não-humano, e se deixa nele anular, torna-se uma deriva monstruosa do humano. Este o nome que nós damos habitualmente a outras derivas, mas não a esta, incompreensivelmente. Ou talvez não, porque esse apelo à fusão sempre foi visto como aquisição de sobre-humanidade.

Eu aceito que eu, *ser-humano*, fui criada à imagem dessa presença de não-humanidade. É essa imagem — que surge na *cena fulgor* — que permite o apelo e a relação; mas daí nunca inferi, porque contrária à minha experiência, que eu tenha a mesma forma que essa imagem. O ser-humano é uma forma inconfundível, inalienável, e exclusiva de nós mesmos. Por isso eu disse «fraccionar a imagem nas suas diversas formas», e por isso *o belo é o encontro inesperado do diverso*.

Há leitores que sempre se admiraram com a presença, nos meus textos, de animais e de plantas, ao mesmo nível ontológico do ser-

⋮

-humano.

Mas não há que admirar porque eles são formas da mesma imagem e excelentes mestres do ser-humano no estabelecimento das relações deste com a Presença não-humana.

Tenho vivido muito com gatos, com um cão, plantas (e já vivi com galinhas), com seres-humanos e com essa Presença insistente na minha proximidade. O que aprendi é que todas estas formas da mesma imagem se relacionam entre si e que a palavra é uma forma de comunicação rara, mesmo entre seres-humanos, e não é, de modo algum, a mais fiável. Tudo comunica por sinais, por regularidades afectivas, por encanto amoroso, por perigo de anulação. Tudo comunica por incompreensão. Nada está em nada, apesar das múltiplas implicações das formas entre si, mas o conhecimento mútuo e, sobretudo, o reconhecimento, não é um dado inicial, dado à partida. Elabora-se entre as formas concretas que, estabelecendo uma relação preferencial, decidem cuidar umas das outras.

Contrariamente ao que se possa imaginar, o relacionamento do ser-humano com essa Presença não humana, aprende-se, e não é mais difícil nem mais óbvio do que qualquer relacionamento de um ser-humano com outro ser-humano, ou deste com uma forma-planta ou uma forma-animal.

Esta não-hierarquização radical das formas vivas, a proximidade entre elas, o estabelecimento de relações preferenciais são, em meu entender, o *habitat* mais adequado, por parte do ser-humano, ao exercício da sua arte de se tornar «forma-humana».

Nos meus textos, exponho claramente esta comunidade, este espaço-nó, ou semente. Sempre o vivi – repito – como espaço de perigo, pois nele se desenvolvem grandes mutações de energia que podem pôr em risco o corpo e, com toda a certeza, modificam a maneira de ser e de viver. Daí que o *continuum* espaço-tempo seja «suspendido», e que qualquer forma que aí se inscreva assuma o estatuto de figura.

O que é uma figura?

_____ retomo aqui um texto crítico de Augusto Joaquim sobre *Finita*. _____ «Figura é todo o agente do mútuo e que nele intervém. (...) O mútuo começa por ser o que, em tempos, se chamava “conversação espiritual”, mas desenvolvendo-se em relação textual, física (como se diz do acto de amor), cuja dinâmica, ou sentido, é a mutação das grandes narrativas. Destes encontros, cada participante sai modificado, e vê modificado o seu mal de amor, que é o nome do incomfortável que há no seu próprio pensamento. Este, o efeito específico

da configuração singular, de cada encontro (no espaço-nó da comunidade a que fiz referência) que, atravessando os mitos e arquétipos que dão forma ao mundo, e ao texto, os confirma na certeza inabalável de que o mútuo não é um acidente, nem repetível arbitrário, mas o autêntico motor da mudança das narrativas e da metamorfose dos corações. Porque só isso passa, para voltar sempre mais próximo do Amante.»

E, já antes, o mesmo crítico escrevera:

«Neste trajecto, o Amor não é residual, porque o mundo é integralmente sustentado por Ele, porque movido pelo que a Autora chama *o eterno retorno do mútuo*. A ressonância nietzschiana é evidente e forte. Mas é mais do que isso. (...) Mostra (o mútuo) na vida afectiva dos homens, tornado assim o lugar catastrófico de toda a metamorfose. *O homem só no encontro com o Amante poderá advir.*»

Hoje, sei que isto é verdade não só para o ser-humano, mas também para toda a forma viva que integre a Comunidade. Porque aquilo que o crítico assinala como o eterno retorno do mútuo mais não é, a meu ver, que a boa-nova da criação anunciada a todo o vivente.
(pp. 148-152)



De: Inquérito às Quatro Confidências. Diário 3

De facto, para principiar a escrever, eu pedira à minha mesa de trabalho um nome. O nome de uma figura existente — e ardente. Sem os nomes dos membros da comunidade virtual que têm a sua morada no texto, como dar início à escrita?

Deu-me então um nome, Ibn 'Arabî, que se pôs a escrever, à minha secretária, o episódio da palmeira de Sevilha.

A ler o que ele escrevia, o nó dos problemas principiou a desatar-se — a renda da casa, a conta do telefone, as despesas que tornam o corpo menos nu da substância que realmente o atinge, dinheiro imprescindível para viver, facturas, nível de vida, interesses —, e eu pude começar, paulatinamente, a lançar o nó móvel do texto. Ocorreu-me, então, o paralelismo com as nuvens densas, a corrente eléctrica, o bater a porta, e a chuva desabando finalmente sobre a casa, criando um espaço vazio

⋮

que há-de ser sereno até à próxima tempestade. Escrever é, assim, cíclico e, pois, saudável. É sinal de que o meu corpo funciona, já não tem cansaço, nem sono, e atravessou a barreira da obscuridade onde repousa. Mas – antes –, tenho de pedir nomes para as pessoas vivas e verbos para as figuras.

Quando finalmente, ouço um nome, levanto-me, sacudo o torpor e vou até ao rio onde lavam seus contornos aqueles que amo, ou seja, a quem quero dar relevância afectiva no mundo inteligente.

Tal como hoje, dia em que Ibn 'Arabî – para me lançar no *há vivo* – veio de Damasco onde repousa há setecentos e cinquenta anos contar-me a história da palmeira de Sevilha.
(p. 92-93)

Só então desfilou na minha memória a história da palmeira de Sevilha.

«Havia numa das ruas da cidade de Sevilha uma palmeira que se havia inclinado tanto para o meio da rua que se tornara realmente difícil a passagem dos transeuntes. O incómodo era tal que as pessoas chegaram à conclusão de que se impunha cortá-la. Decidiram, finalmente, fazê-lo no dia seguinte.

Conta Ibn 'Arabî: Naquela noite vi em sonhos o Profeta, junto à palmeira. Queixando-se, esta dizia-lhe:

– Ó Profeta de Deus, as pessoas querem-me cortar porque lhes estorvo a passagem.

O Profeta ouviu-a, acariciou-a com a sua mão bendita, e endireitou-a.

Na manhã do dia seguinte, conta Ibn 'Arabî, fui ver a palmeira e encontrei-a direita. Narrei então às pessoas o sonho que tivera, e ficaram tão maravilhadas que passaram a considerar a palmeira um ser abençoado, fazendo daquele sítio um lugar de peregrinação.»

Na minha cidade, a morada da tristeza fica longe da morada da gratidão. As duas moradas estão lá, onde a tília morreu e onde a lagartixa dançou. Mas a distância entre as duas torna o nexo invisível, e propriamente insignificante.

Não há bênção.

É o que se diz quando se fala em Deus ausente. O nosso há é *viator* e *faber*.

Mas em Sevilha, não. Tristeza e gratidão eram um só e mesmo lugar.



Os homens deparavam com a visibilidade da bênção. Um Profeta lhes garantia o dossel, um místico lhes comunicava um sonho.

O há daquela gente era *peregrinatio*.

(pp. 95-96)



Caligrafia de Hassan Massoudy

⋮



De: *Um Arco Singular. Livro de Horas II*

21 de Abril de 1977, quinta

– A imaginação faz conhecer – *Mundus imaginalis*⁵ – Teofania: aparição ou revelação da divindade.

A teoria do corpo transformado de um Buda não entra, pois, em contradição com a sua realidade (*o homem é corpo, espírito e universo*).

Tudo o que emanava dos olhos.

Projecções mentais de si mesmo.

Avicena e a *narração visionária* («Entre l'Andalousie et l'Iran»⁶)
– mundo intermediário das ideias-imagens, das figuras-arquétipos –
é o lugar das visões teofânicas.

Mundus imaginalis

Ibn 'Arabî

– O encontro «do único com o único».

– Imaginação criadora e oração criadora –

– Um pacote de livros equilibrando um cadáver –

(p. 40)



23 de Abril de 1977, sábado

Queria, durante toda esta tarde, experimentar o prazer, a dilatação de ver, mas nada se anunciava. Dispus-me pois a contar, em breves palavras, essa experiência de vazio, vendo o Sol ao fundo.

A terra em vida

Não pode falar, nem sabe revelar-se. Tem um cheiro profundo, e um ar de criança quase adolescente, quando lhe toco as folhas ou o abordo

⁵ Vd. Henri Corbin, *L'imagination créatrice dans le soufisme d' Ibn 'Arabî*. Paris, Flammarion, 2.a edição, 1958 (exemplar existente na biblioteca pessoal de M.G. Llansol).

⁶ Capítulo do livro citado de Henri Corbin.

com o meu espírito. Estava mergulhada na água quando, sem procurar, me ocorreu que Rosmaninho era meu companheiro, e me fazia bem.

Como se entendia perfeitamente com a sálvia, se entendia comigo.

Ontem, principiei a tomar contacto com a imaginação criadora, segundo Ibn 'Arabî. Sentia-me atraída, mas sua gleba de espaço me levava a perder-me, e a esperar. Rosmaninho, tão próximo porque existe na estufa do jardim, se aproxima. Me extasio diante dele, pergunto-me se é Rosmaninho ou minha forma de ver agora Ibn 'Arabî. Estar com eles me deleita, se confundem num tronco pleno de vida em vida que sobe sem que eu veja as ramificações da árvore. Uma luz intensa se projecta sobre Rosmaninho e descobre nele campos imensos de energia animal e vegetal, que cintila e circula no vento. Meus olhos e Rosmaninho se encontram. Um livro imenso desce da árvore, Ibn 'Arabî nos acolhe na sua mão que escreve a terra em vida.

A imaginação criadora: trata-se de uma função absolutamente fundamental, subordinada a um universo que lhe é próprio, possuidor de uma existência perfeitamente «objectiva» e da qual a imaginação é o verdadeiro órgão de percepção.

Acontece que, ao reconhecer o seu guia invisível, o místico deseja refazer a sua própria *isnâd*, ou seja, encontrar «a cadeia de transmissão» que chega até ele, atestar a ascendência espiritual de que ele se reclama através das gerações humanas nesta terra.

(pp. 41-42)



1 de Maio de 1977, domingo

A pessoa-arquétipo Khezzr

Tê-lo por mestre e iniciador é ter de ser o que ele próprio é.

Khezzr é o mestre de todos os sem-mestre, porque mostra a todos aqueles de quem é mestre como ser aquilo que ele próprio é: aquele que atingiu a fonte da vida, o Eterno Adolescente _____

... a forma sob a qual cada um dos seres espirituais conhece Deus é também a forma sob a qual Deus o conhece.

Não se podem abolir os espaços do tempo quantitativo que servem de medida aos acontecimentos históricos; pelo contrário, os acontecimentos da alma são eles mesmos a medida qualitativa do seu tempo

⋮

próprio. O sincronismo impossível no tempo histórico é possível no *tempus discretum* do mundo da alma.

É isto o que significa ser discípulo de Khezr.

Podes procurar livremente o ensinamento de todos estes mestres. (Henri Corbin, *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn 'Arabî*, [pp. 55-58])
(p. 42)



23 de Julho de 1977, sábado

[...] Só temos a experiência de *infimamente amar*. O deus criador esconde-se do amor. Ibn 'Arabî nunca considerou deus um deus criador.
(p. 57)



10 de Setembro de 1978

Imaginação criadora, segundo Ibn 'Arabî⁷:

Não se tratará de fantasia, profana ou não, nem do órgão que segrega um imaginário identificado com o irreal, nem mesmo exactamente daquilo que consideramos ser um órgão da criação estética. Tratar-se-á de uma função absolutamente fundamental, submetida à ordem de um universo que lhe é próprio, dotado de uma existência perfeitamente «objectiva», em que o imaginário é o verdadeiro e único órgão da percepção.

Luís M. é uma dessas fortes e raras individualidades espirituais que são em si mesmas a norma da sua própria ortodoxia e a medida do seu tempo próprio, porque não pertencem nem àquilo que se convencionou chamar o tempo «deles», nem à ortodoxia do seu tempo.
(pp. 237-238)



⁷ Os parágrafos seguintes são transcritos do livro de Henri Corbin (pp. 11-13), cit. na nota 4.

De: Numerosas Linhas. Livro de Horas III

10 (?) de Junho de 1980

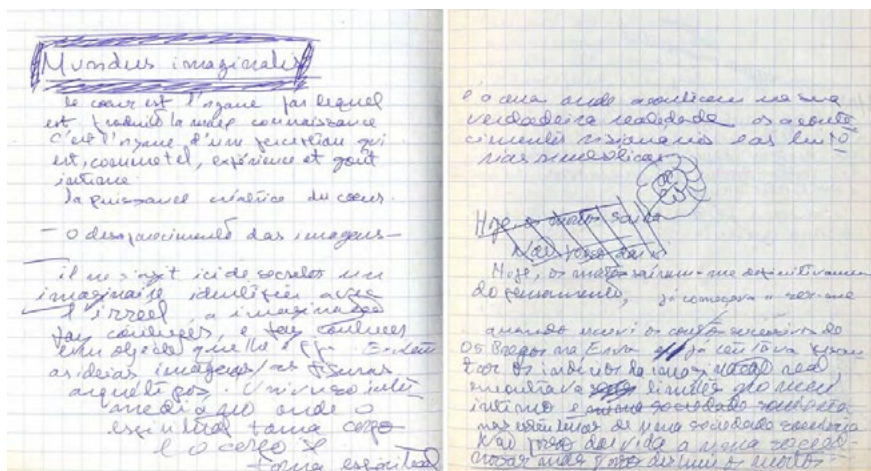
*Mundus imaginalis*⁸

O coração é o órgão a partir do qual se produz o verdadeiro conhecimento. É o órgão de uma percepção que, enquanto tal, é experiência e gosto íntimo – o poder criador do coração – o desaparecimento das imagens – não se trata aqui de tornar secreto um imaginário identificado com o irreal; a imaginação faz conhecer, e faz conhecer um objecto que lhe é próprio. Existem as ideias imagens / as figuras arquétipos. Universo intermediário onde o espiritual toma corpo e o corpo se torna espiritual; é a cena onde acontecem na sua verdadeira realidade os acontecimentos visionários e as histórias simbólicas.

Quando escrevi os contos sucessivos de *Os Pregos na Erva*⁹, já tentava perscrutar os indícios da imaginação real; encontrava limites no meu íntimo e nas estruturas de uma sociedade sombria. Não posso dar vida a uma sociedade nova, mas posso destruir os mortos.

Hoje, tal sociedade, mesmo nova, e os mortos saíram-me do pensamento. Eu desejo o saber dos seres vivos, e queria libertar, na escrita, seres perenes. Leonardo de *Os Pregos na Erva* tem já a percepção confusa de um outro tecido.

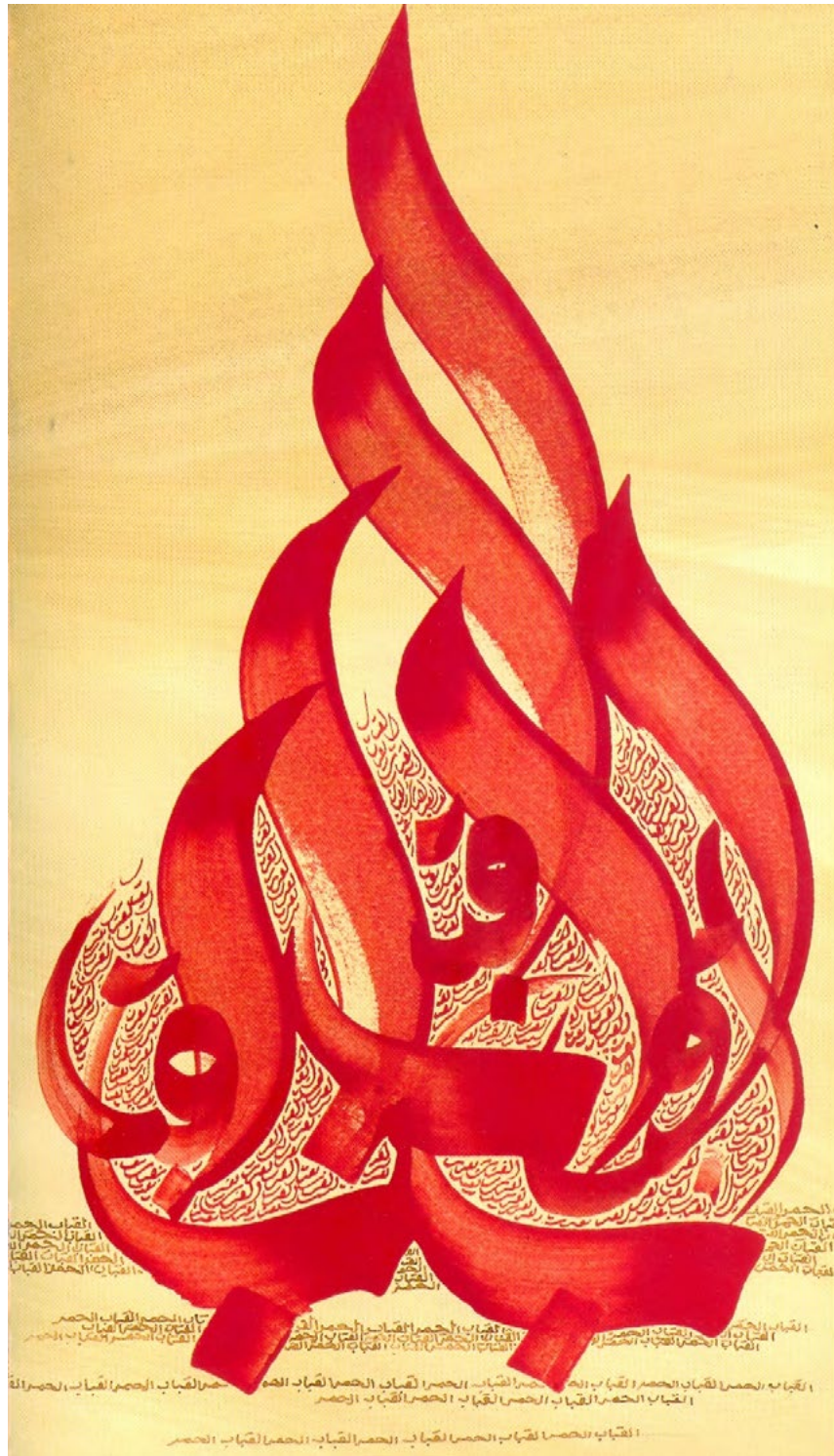
(p. 285)



⁸ As citações (em francês no manuscrito) provêm do livro de Henri Corbin *L'Imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn 'Arabî*, pp. 170 e segs..

⁹ O primeiro livro (de contos) de M. G. Llansol, Lisboa, Portugal, 1962.

.....



Caligrafia de Hassan Massoudy



12 de Fevereiro de 1983

Ibn 'Arabî

... la tristesse des noms divins s'angoissant dans la reconnaissance, parce que personne ne les nomme

– la tristesse fait de l'être primordial un être créateur_____

A criação é revelação do ser divino a ele mesmo. Aurora / luminescência

Nuée

Suspiro

Ideias / imagens

figuras de aparição

_____ a função mediadora da imaginação _____

cosmografia mística_____

«notre propre imagination est imagination dans la sienne»

Sombra – projecção de uma silhueta ou rosto num espelho, e *não* trevas satânicas

Imaginação criadora – revelação de Deus a si próprio

A imaginação activa, despojada da sua função transcendente, parece não secretar a não ser o irreal – o imaginário.

Experiência visionária da imagem.

(Caderno 1.13, pp. 278-79)



⋮



12 de Fevereiro de 1983

Ibn 'Arabî

... la tristesse des noms divins s'angoissant dans la reconnaissance, parce que personne ne les nomme

– la tristesse fait de l'être primordial un être créateur_____

A criação é revelação do ser divino a ele mesmo. Aurora / luminescência

Nuée

Suspiro

Ideias / imagens

figuras de aparição

_____ a função mediadora da imaginação _____

cosmografia mística_____

«notre propre imagination est imagination dans la sienne»

Sombra – projecção de uma silhueta ou rosto num espelho, e *não* trevas satânicas

Imaginação criadora – revelação de Deus a si próprio

A imaginação activa, despojada da sua função transcendente, parece não secretar a não ser o irreal – o imaginário.

Experiência visionária da imagem.

(Caderno 1.13, pp. 278-79)



21 de Março de 1984

Sentei-me aqui, no banco do corredor em face das *forsythias*, e imediatamente conglomerarei à minha volta os seres vivos e móveis existentes no jardim. Deitaram-se à minha volta, estabeleceram seus passeios e lutas instintivas em torno de um centro que sentiram que eu era.

Analogicamente, pus-me a pensar em torno de quem, de que coisa, eu me tinha sentado a ler, e a aquecer-me / a arrefecer-me ao sol. Aqui não deve estar latente nenhuma relação inquietante ao outro, se não eu dever-me-ia já ter ido embora. Mas deve haver um segundo lugar que me alimenta, à volta do qual eu circulo:

Je vais dire l'indicible

Je vis ma mort

Je suis de n'être pas

(Toukaram, mystique du XVII^{ème} siècle)

Le mystique reçoit de son corps propre la loi, le lieu et la limite de son expérience.

Le sensible est la cause du conceptuel; le corps est la cause de l'âme et la précède dans l'intellect.

(Philoxème de Mabbong)

(Caderno 1.15, pp. 351-353)

De les rejoindre, je m'efforçais,
 Dans **l'obscurité** d'une nuit profonde.
 De loin, je les appelai,
 Puis je suivis la trace de leurs pas.

أَسَابِقُهُمْ فِي
 ظِلَامِ
 اللَّجْجِ ،
 أَنَادِيهِمْ
 ثُمَّ أَتَقْوَى الْأَشْرَ

⋮

[Março de 1985]

Eu sei que as minhas palavras têm comportamentos absurdos – são ininteligíveis para o comum dos mortais sociais. Mas, se não tivessem algo de único, para quê combiná-las e sacrificar a elas as folhas de um livro, ou seja, folhas que, de outro modo, podiam viver ainda?

Eu só tento reproduzir fielmente as cores do original deste dia.

Há mais riscos quando eu regresso a casa pelo pinhal e, depois de cumprir as obrigações da vida quotidiana, vejo sentado à beira da vereda um homem moreno-jovem, que tanto pode ser um ladrão como o aspecto árabe de Ibn 'Arabî.

Porque me lembrei dele?

Se for um ladrão, ouvirei os seus passos através de mim e, antes que ele se aproxime, direi parafraseando o soneto de Antero de Quental, «Na planta da floresta, no seu verde sem direcção, repousa afinal o pensamento que me causava medo...»

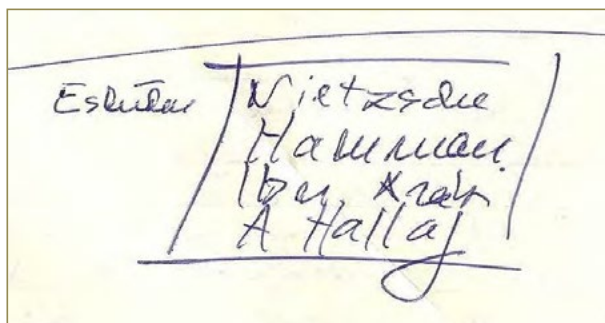
Se for Ibn 'Arabî, não olharei para trás, para não perturbar o nosso encontro, não me transformarei em estátua de Hölderlin, ou outra qualquer estátua do que estou pressentindo. Foi um caso fortuito? Foi a providência? Foi um acto de vontade. Quem está à beira da floresta, à beira dela fique; ele não me reterá, eu a ninguém reterei.

Quem fuma, com ares de vencido, na ilharga da floresta, no corpo de Ibn 'Arabî, fique.

(Caderno 1.21, pp. 32-35; e dossier dactiloscrito DOA 05, p. 55)



26 de Junho de 1987



(Caderno 1.26, p. 92)

31 de Julho de 1987

[62]

Foki-Alai,
31 de Julho
de 1987.

Há, sobre ^oIbn Arabi descrito na Encyclopaedia Universalis,
Todo - Um - Saber, mas eu saberei infinitamente mais;

Há, sobre as terras do Bouro, descritas no Guia de Portugal,
Todo-Um-Saber, mas eu saberei infinitamente mais;

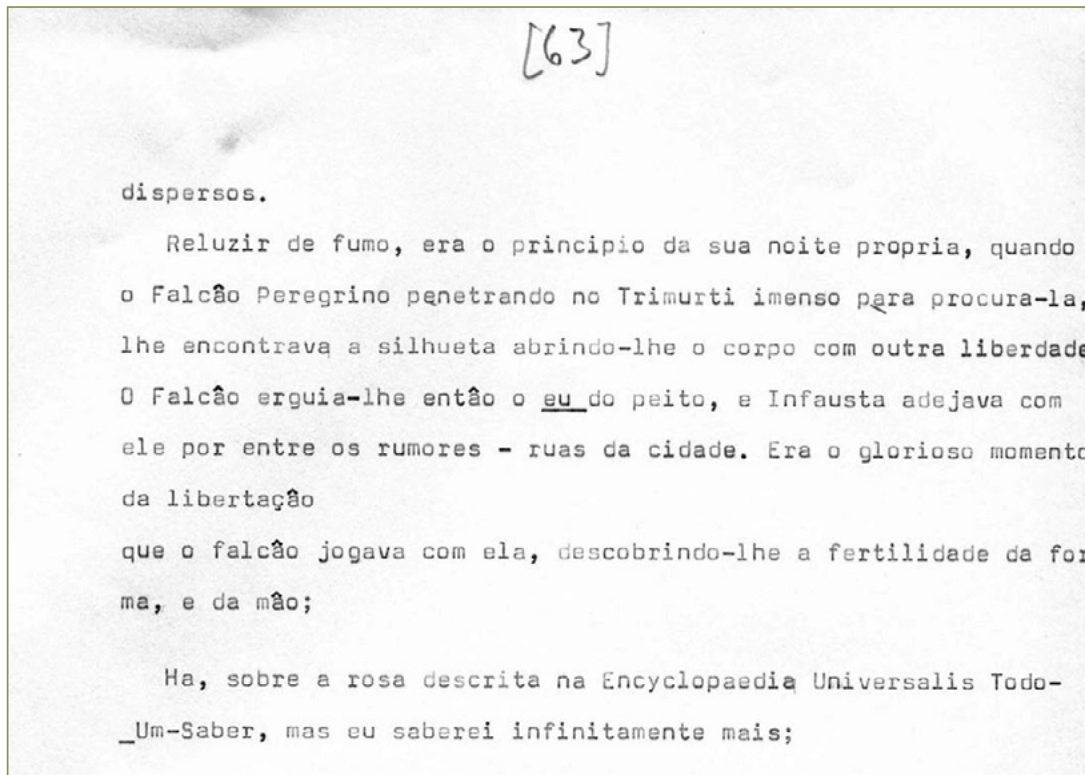
Há, sobre o Nietzsche descrito na biografia de Curt Paul Janz
Todo-Um-Saber, mas eu saberei infinitamente mais;

o "eu" assusta-me na ^{existente} pinça que me exprime porque a ^{arguta} língua do co-
nhecimento // é um canto volátil; mergulho num campo volátil, // o que
esta sob as saias da rapariga que temia a impostura da língua,
mas ja vai longe, livre de obstaculos, e da pripeira fala;
Infausta tinha medo, naquela cidade com uma capacidade verde,
de trocar os tempos dos verbos que lhe davam ^a comer, e de vir
a dedizar-se exclusivamente à esmola; não lhe dissera casualmen-
te a sua amiga arguta - e não menos cruel - quando a procurara de
manhã, na porta do canto da rua: "deixa de andar sempre atras de
alguém"?

O seu "eu" era um tanto pesado de instrução e ideias; de pe-
quenas sombras, de pequena inteligência, fazia ruidos com os pés.
entre os pés descalços e calçados dos transeuntes; e perdia-se ne-
les, e voltava sobre eles, até encontrar, quando recorria à cari-
dade do deus viajante não semelhante, dois pãezinhos com manteiga
e uma chavena quase vazia. O eu do seio era o erotismo, o eu da
cabeça era atravessar a floresta pelo circuito deixado pelas arvo-
res, o eu da mão era sorver e apagar as lagrimas; mas sobre o eu
havia um anão mais alto que reluzia de fumo por entre os cabelos

594 111 565

⋮



(Dossier DOA06, pp. 62-63)



5 de Fevereiro de 1990

[Na Praia Grande]

O pensamento do imaginário / Ibn 'Arabî

Uma onda – liga uma ideia a outra ideia, uma imagem a outra imagem; mas, em profundidade, a inteligência dos estados conscientes é mais extensa do que o mar. Não há imagem que lhe corresponda, a não ser esta, a do mar.

(Caderno 2.30, p. 91)





11 de Abril de 1990

«Curar a paixão cria uma outra paixão»

(Ibn 'Arabî, *Le chant de l'ardent désir*, p. 35, [Bibliothèque de l']Islam / [Paris,] Sindbad)

«Não lhe basta que eu habite o seu coração / não lhe basta que o seu coração seja habitado por mim e que ele a todo o instante, e conforme o desejar, possa ver-me?»

(Ibn 'Arabî, *Le chant de l'ardent désir* 18, p. 46, [Bibliothèque de l']Islam / [Paris,] Sindbad)

(Caderno 1.32, pp. 40-41)



20 de Setembro de 1991

[...]

Assim se despegavam as últimas raízes, e eu volteava com leveza extrema, e velocidade própria, do meu máximo movimento, que já conhecera, em texto, através das asas abertas do falcão peregrino. As minhas estavam cobertas, e por isso eu apreciava tanto o nevoeiro que *podia fender-se, ser habitado*, e voltar-se a meu favor, através de um dia em que o sol principiara por apenas dar o sinal de que existia.

Segundo Ibn 'Arabî,

Mestre de quem eu seria Mestra,

pois nos corresponderíamos através de nossos elos,

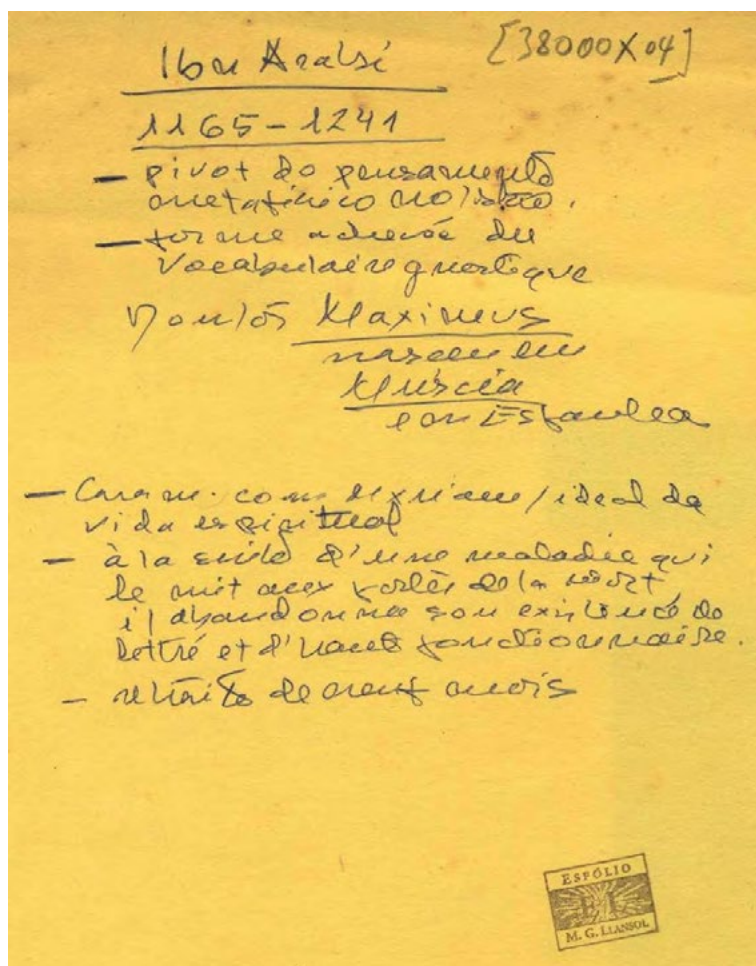
um pássaro, em pleno voo, *deve manter uma agilidade tal que lhe seja permitido mudar imediatamente de direcção_____ se ouvir a voz, ou for impelido pela mínima atracção que lhe fira os olhos_____ que lhe tire [sic] para longe o olhar...*

o princípio era estranho _____ a realidade tornava-se mais natural _____ *o encontro inesperado do diverso.*

(Caderno 1.33, p. 70; e *Livro de Horas V*, pp. 628-629)



s. d.

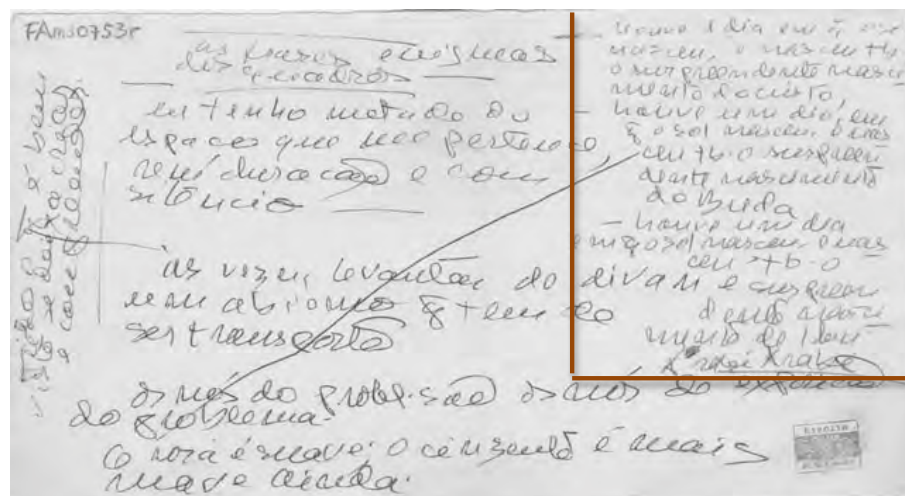


(Caderno 1.38, avulso 04)



s. d.

- Houve um dia em que o sol nasceu, e nasceu também o surpreendente nascimento do Cristo;
- houve um dia em que o sol nasceu, e nasceu também o surpreendente nascimento do Buda;
- houve um dia em que o sol nasceu, e nasceu também o surpreendente nascimento de Ibn 'Arabî, Árabe



(Avulso FAmS0753r)



7 de Agosto de 1995

Novo encontro com João da Cruz, depois de vinte e um anos de não o ver. Principio a reler na Enciclopédia a sua biografia, e fixo-me aos nomes que se ligaram ao seu percurso – nome de terras, nome de seres em gente, nome de pessoas – para eu ser mais simples__

De facto, eu amo-os

Teresa de Ávila

Ana de Jesus

João de Ypres

Ibn 'Arabî____ o fora d'aqui, o do Oriente.

(Caderno 1.43, p. 1)



1 de Setembro de 1996

[...] O que me distingue de G. é que a minha imaginação é concreta, não se imagina nem se concentra em si própria. Abre-se à sua materialidade – talvez seja a imaginação de Ibn 'Arabî (a imag[ina]ção capital)

(Caderno 1.45, pp. 33-34)

⋮



13 de Março de 1998

_____aprendi com a linguagem dos místicos que, onde não há nada, há muito para dizer,
que, onde há muito para dizer, há nada
que o texto corre um risco mortal se ligar as duas frases por vice-versa
que elas são dois lados do corpo, o sensual e o volitivo
que o corpo é materialmente frases
que material e literal não têm diferentes
que nesse indiferente é essencial não ligar o intelectual a qualquer lógica
que, por mais que ande, a alma está sempre a tempo de pôr ordem (o referido vice-versa) no seu caminho_____ pôr ordem sem trazer retorno

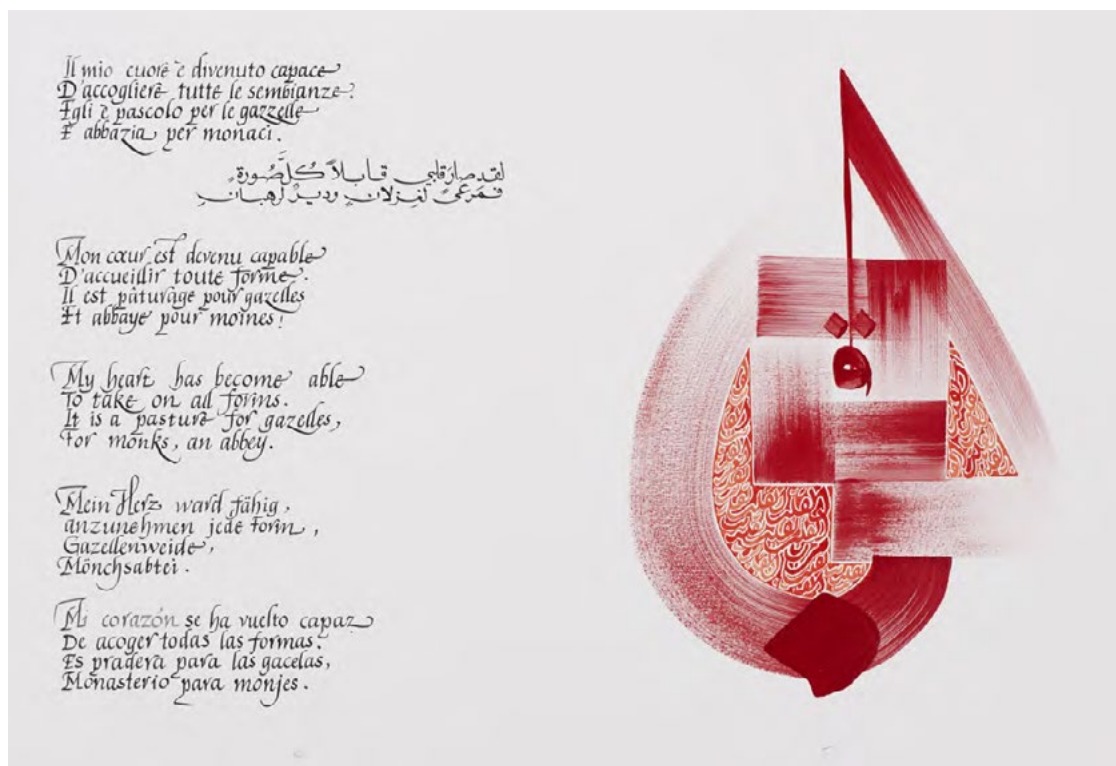
que o invisível, quando se sensualiza, abre à linguagem caminhos que o narrativo obliterou com a tampa do piano, os muros baixos do real, as ténues paredes da vida

que, chegado a esse ponto, o por escrever tem uma visibilidade sem fim
que, por isso, a nova linguagem é fácil, e se reproduz por si mesma, contendo em si o próprio princípio de existir
que é querer continuar a viver sem que o grau de vida degenere, antes aumente constantemente a vontade de dizer, explícita, a impossibilidade de dizer, ou de *indizível*
que este caminho dá vontade de chorar ou de rir,
sendo clara a alternativa de sair desse mal
que o caderno não é o escrevente do texto
mas o lugar onde o texto aprende a materialidade do lugar por onde corre.

No entanto, o texto é livre, e anterior a si mesmo, e posterior a si mesmo_____

a substância narrando-se,
diria Spinoza.

(Caderno 1.50, pp. 67-68; e *O Jogo da Liberdade da Alma*, pp. 11-12)



Caligrafia: Hassan Massoudy



10 de Fevereiro de 2006

Ibn 'Arabî, Nietzsche, Spi[noza] – meus familiares, nem próximos nem distantes, presentes em qualquer devaneio; ouço o tambor de seus textos, seus fios textuais.

Ao reuni-los, vou tentando que eles, de diferentes épocas, não sejam reunidos numa geração perdida.
(Caderno 1.72, p. 181)



⋮

16 de Janeiro de 2007

A imaginação não é imaginante – é suja, com a sua dobra de desastres, ou experiências negativas, que redundam em queda no zero_____ Às vezes sinto-me impotente para a dominar_____ Curar, curar-me, é uma função grave_____ Escrever é a parte melhor do pesadelo, ou do sonho...

(Caderno 2.73, pp. 72-73)



Caligrafia de Hassan Massoudy

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia de M. G. Llansol (edições referidas):



- ☉ *Um Falcão no Punho. Diário 1* [1985]. 2ª ed. Lisboa, Relógio d'Água, 1998
- ☉ *FINITA. Diário 2* [1988]. 2ª ed. Lisboa, Assírio & Alvim, 2005
- ☉ *Um Beijo Dado Mais Tarde*. Lisboa, Rolim, 1990
- ☉ *Inquérito às Quatro Confidências. Diário 3*. Lisboa, Relógio d'Água, 1996
- ☉ *Lisboaleipzig* [1994]. 2ª ed. Lisboa, Assírio & Alvim, 2014
- ☉ *Um Arco Singular. Livro de Horas II*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2012
- ☉ *Numerosas Linhas. Livro de Horas III*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2013



Do espólio de M. G. Llansol:

Cadernos, 1ª série | Cadernos, 2ª série | Avulsos
Dossiers dactiloscritos, série A

⋮



Livros de Ibn 'Arabî na biblioteca de Maria Gabriela Llansol

OBRAS DE IBN 'ARABÎ

Ed. Sindbad, Paris | col. «La Bibliothèque de l'Islam»

Les Soufis d'Andalousie
[Rûh al-quds / ad-Durrat al-fâkhirah]
Trad. e edição de R. W. J. Austin
Version française de Gérard Leconte
1979



Les Illuminations de La Mecque
[Al-Futûhât al-Makkiyya]
Trad. e edição de Michel
Chodkiewicz *et al.*
1988

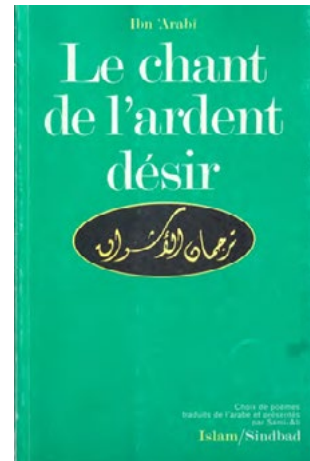


*La vie merveilleuse de Dhû-l-Nûn
l'Égyptien*
Do tratado hagiográfico
al-Kawkab al-durrî fî manaqîb
Dhî-l-Nûn al-Misri
Trad. e edição de Roger Deladrière
1988

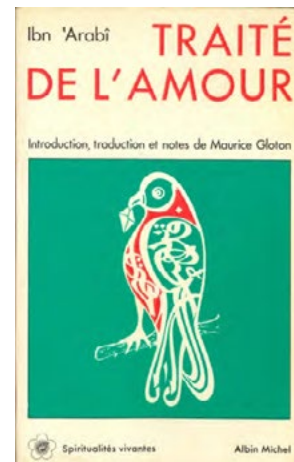
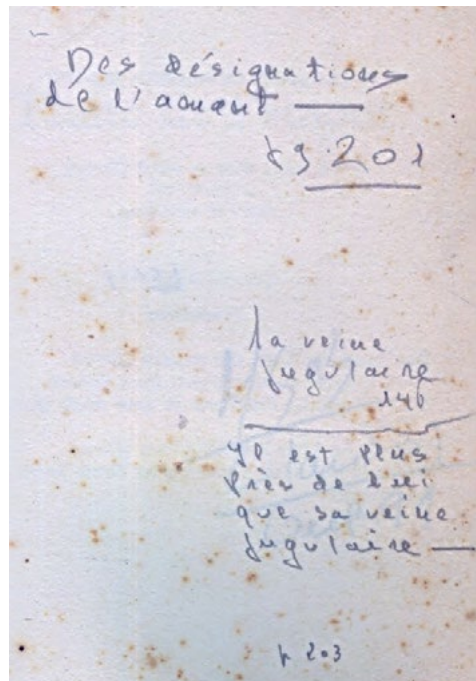




Le chant de l'ardent désir
 Choix de poèmes
 Trad., edição e caligrafias de Sami-Ali
 1989



Ibn 'Arabî
Traité de l'amour
 Trad. e edição de Maurice Gloton
 Paris, Albin Michel, 1986

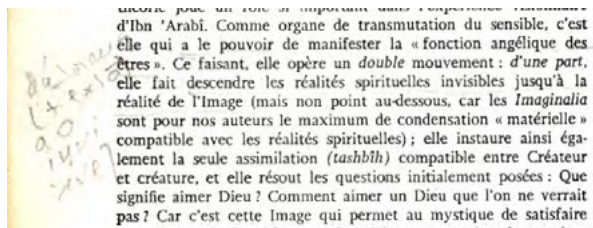


Marginalia de M. G. Llansol
 no *Traité d'amour*

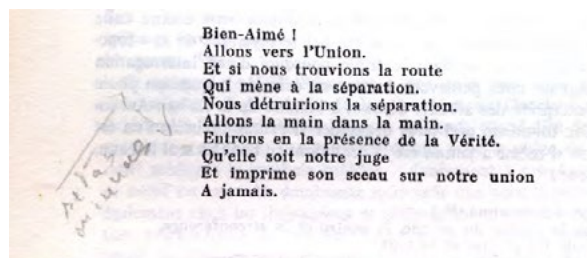
⋮

SOBRE IBN 'ARABÎ E O SUFISMO:

Henri Corbin
*L'imagination créatrice dans le soufisme
d'Ibn 'Arabî. 2^a ed.*
Paris, Flammarion, 1958



Marginalia: «Dá forma (texto) ao invisível»



Marginalia: «Seta minha»

Martin Lings
Qu'est-ce que le soufisme?
Paris, Seuil (=Points), 1977





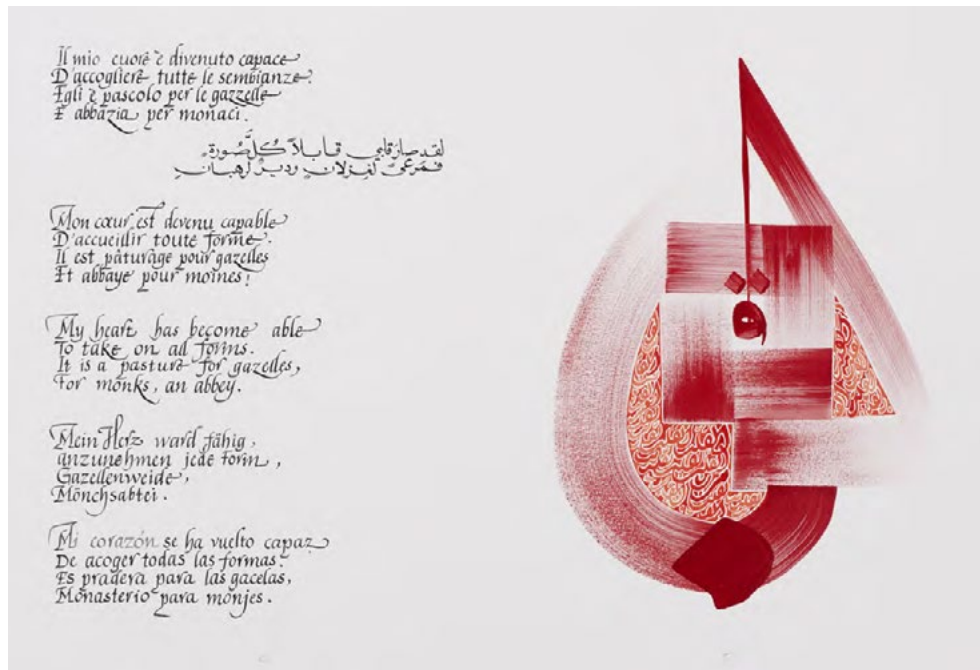
Hassan Massoudy
L'harmonie parfaite d'Ibn 'Arabî
Calligraphies
Paris, Albin Michel, 2001



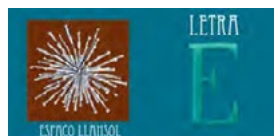
Laleh Bakhtiar
Le soufisme.
Expressions
de la quête
mystique
Paris, Seuil, 1977



⋮



Caligrafia de Hassan Massoudy



Espaço Llansol
2017